

As dívidas sem controle

por Walter Clemente
de Fortaleza

Com a deterioração da relação dívida externa versus exportações, os países em desenvolvimento foram subitamente forçados a transferir recursos líquidos para o exterior. E a conta foi apresentada, ontem, na abertura da XIV reunião da assembléia geral da Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento (Alide) pelo seu presidente Camillo Calazans de Magalhães, também presidente do Banco do Nordeste do Brasil. "Apenas em 1983, a América Latina pagou juros nada menos do que 27% da sua receita de exportações, cerca de US\$ 30 bilhões, que ajudará a cobrir os dois déficits norte-americanos, comercial e fiscal".

Camillo Calazans considera que os países em desenvolvimento perderam o controle de seu endividamento, desde que as taxas de juros passaram a ser manipuladas pelos credores. "Esta prática chega a ser iníqua, pois a flexibilidade da taxa de juros influí, inde-

pendentemente da ação dos devedores, sobre o volume de suas responsabilidades, que, do ponto de vista jurídico, deveriam ser líquidas e certas."

Mas o presidente da Alide não tem esperanças de que os países ricos e credores modifiquem sua estratégia sem muita pressão dos credores. Eles não estariam interessados na redução do endividamento dos países pobres, inclusive para obter deles recursos líquidos para seus déficits. "As regras de condições de subserviência, como as impostas pelo Fundo Monetário International, implicam uma conjuntura realmente mais difícil, dando como consequência a recessão, o desemprego e, evidentemente, o agravamento das condições de vida dos países subdesenvolvidos."

Calazans estima que os países em desenvolvimento acumulam atualmente uma dívida externa da ordem de US\$ 612 bilhões, dos quais os dez países da América Latina respondem por mais da metade (US\$ 320 bilhões). O Brasil fica com US\$ 92 bilhões.